

Senhora do Barrocal (Sátão) na viragem do milénio. Primeira abordagem

*The site of Senhora do Barrocal (Sátão) in the
turning of millennium. First approach*

Catarina Tente¹, Hugo Baptista², João Pedro Tereso³,
Margarida Cércio⁴, João Luís Veloso⁵, Cláudia Oliveira⁶,
Luís Seabra⁷, Catarina Meira⁸, Gabriel de Souza⁹,
Tomás Cordero Ruiz¹⁰, Manuel Luís Real¹¹

Palavras Chave

Povoado, Alta Idade Média, Igreja, Muralha, Carpologia.

Keywords

Settlement, Early Middle Age, Church, Wall, Carpology.

-
- 1 IEM/NOVA FCSH, Av. Berna, 26C, 1069-061 Lisboa, email: catarina.tente@gmail.com.
- 2 Câmara Municipal de Sátão/IEM/NOVA FCSH, email: hugosatao@gmail.com
- 3 CIBIO-UP/InBio, Campus Agrário de Vairão, Rua Padre Armando Quintas, n° 7, 4485-661 Vairão, Portugal, jp-tereso@gmail.com
- 4 NOVA FCSH, Av. Berna, 26C, 1069-061 Lisboa, email: mcercio@gmail.com
- 5 NOVA FCSH, Av. Berna, 26C, 1069-061 Lisboa, email: joaoluiveloso@gmail.com
- 6 CIBIO-UP/InBio, Campus Agrário de Vairão, Rua Padre Armando Quintas, n° 7, 4485-661 Vairão, Portugal, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Rua do Campo Alegre, s/n 4169-007 Porto, email: claudia.oliveira1991@gmail.com
- 7 CIBIO-UP/InBio, Campus Agrário de Vairão, Rua Padre Armando Quintas, n° 7, 4485-661 Vairão, Portugal, email: lc_pacos@hotmail.com
- 8 IEM - NOVA FCSH. Bolseira de doutoramento FCT referência SFRH/BD/118391/2016. Praceta D. João I, lote 57 – 2º drt. Caparide, 2785-379 São Domingos de Rana, email: catarinabmeira@gmail.com
- 9 IEM/NOVA FCSH, Av. Berna, 26C, 1069-061 Lisboa, email: gabrielmvsouza@hotmail.com
- 10 IEM/NOVA FCSH, Av. Berna, 26C, 1069-061 Lisboa, email: t.corderoruiz@gmail.com. Este trabalho foi produzido no campo de projeto de pós-doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e integrado no Instituto de Estudos Medievais de la Universidade Nova de Lisboa, referência FCT n° SFRH/BP/100124/2014.
- 11 CITCEM/FLUP, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto; IEM/NOVA FCSH, Av. Berna, 26C, 1069-061 Lisboa, email: manuelluisreal@gmail.com

RESUMO

O sítio arqueológico da Senhora do Barrocal localiza-se no concelho de Sátão, ocupando um dos rebordos da ribeira da Coja, afluente do Dão. Este é um território montanhoso cuja paisagem está dominada pelas formações rochosas graníticas. O povoado é de pequena dimensão e implanta-se numa elevação de *tors* graníticos.

Foram aqui realizadas três campanhas de escavação arqueológica (2014 a 2016), cujos dados estão ainda em fase de estudo. Todavia, alguns dos resultados podem já ser abordados e os mesmos revelam a importância que este sítio tem para a compreensão dos séculos X e XI na região beirã.

As escavações arqueológicas realizadas permitiram identificar espaços habitacionais e de armazenagem, uma estrutura defensiva em pedra e abundantes coleções de artefactos e de ecofactos. A mais impressionante (pela quantidade e variedade) é a carpológica. As sementes encontravam-se armazenadas num compartimento de uso doméstico, tendo-se conservado devido à sua carbonização ocorrida na sequência de um incêndio que afetou a totalidade do sítio. Estes vestígios constituem uma das maiores coleções de sementes alto medievais portuguesas, o que permitirá avançar no conhecimento sobre as formas de exploração dos recursos por parte das comunidades rurais desta época.

Também entre os vestígios arqueológicos se registaram a ocorrência de cerâmicas exógenas à região, o que é uma novidade neste tipo de povoados e cronologia. Há ainda elementos arquitectónicos que possibilitam a associação do povoado a um templo religioso, que terá sido erguido ou rededicado em 971.

O presente artigo é assim uma abordagem aos primeiros dados arqueológicos deste sítio de excepcional importância científica.

ABSTRACT

The archaeological site of Senhora do Barrocal (municipality of Sátão) is located on the right bank of the Coja stream, a tributary of the River Dão, in a mountainous landscape characterized by granitic outcrops. This is a small settlement built on top of massive granitic tors.

Three excavation seasons took place between 2014 and 2016. These are presently under study but already available results reveal the importance of this site to the study of the 10th and 11th centuries in the Beira Alta region.

Indeed, the archaeological excavations allowed the identification of habitation and storage areas, a defensive structure built in stone, and abundant assemblages of artefacts and ecofacts. A large quantity and variety of seeds stand out among the latter. These were stored in a domestic facility and were preserved due to its carbonization during a fire that affected the whole site. This is one of the largest Early Medieval botanic assemblages in Portugal, thus providing crucial insights on the resource exploitation strategies undertaken by these rural communities.

Also, some imported pottery productions were found among the artefactual remains, which is an unexpected find in this type of settlements and time period. There are also architectonic remains showing a relation between Senhora do Barrocal and a nearby religious temple that may have been built in AD 971.

This contribution is therefore a first approach to the ongoing research on this scientifically exceptional archaeological site.

1. O SÍTIO DA SENHORA DO BARROCAL

A primeira referência arqueológica ao sítio da Senhora do Barrocal data do início da década de 90 do século XX, quando é referenciado como sendo um povoado fortificado de cronologia proto-histórica, com eventual ocupação medieval (Vaz, 1990; 1991: 20-22). O topónimo do sítio advém da ermida dedicada à Senhora das Candeias e a S. Brás, que foi mandada ali construir pelo bispo de Viseu, D. João de Melo, nos inícios do séc. XVIII. A tradição oral correlaciona este sítio com um episódio lendário que opõe cristãos (personificado na Nossa Senhora do Barrocal) aos muçulmanos que aqui, segundo algumas versões, teriam matado a Nossa Senhora (Vaz, 1991; Estefânio, 2009a). Em 2009 foi dada a conhecer uma inscrição que teria sido encontrada no caminho que liga o sítio arqueológico à aldeia do Carvalhal (Estefânio, 2009a, 2009b), a qual mereceu agora nova leitura.

A Senhora do Barrocal situa-se nas proximidades da aldeia do Carvalhal, união das freguesias de Romãs, Decermilo e Vila Longa, concelho de Sátão (Figura 1). O sítio arqueológico foi implantado num *tor* granítico, a partir do qual se domina visualmente uma região ampla que abarca o vale da Ribeira de Coja, afluente da margem Norte do rio Dão, encontrando-se dotado de uma proteção natural, conferida pela altura dos penedos graníticos sobre os quais se implanta. Não obstante, não se destaca na paisagem de forma clara, havendo em seu redor pontos de maior altitude e notoriedade. A estratégia para a sua implantação norteou-se pelo dominar visualmente o vale que lhe está próximo sem que, contudo, pudesse ser visto facilmente de fora para dentro desse território que controlaria diretamente, estratégia, aliás, coerente com outros sítios da mesma época e região.

Para além da defesa natural, o povoado da Senhora do Barrocal foi dotado de uma muralha que chegou a atingir os 4 m de espessura na sua base. O recinto definido (Figura 2) é restrito e o seu interior encontra-se quase totalmente preenchido por afloramentos granítico e por um *tor* central, onde existe um abrigo natural. Ainda hoje é possível reconhecer em vários pontos do povoado os restos desta muralha, que foi construída utilizando pedra aparelhada e pedra não trabalhada de diferentes dimensões. Também se observam os derrubes resultantes do colapso desta estrutura que foi sendo desmantelada ao longo do tempo. Alguns habitantes locais relatam que os pastores que por ali pararam tinham por hábito empurrar com os seus cajados as pedras da muralha para as verem rebolar pelos afloramentos abaixo. Não obstante, foi possível registar o perímetro definido pela muralha e assinalar os locais onde a mesma ainda se conserva ou onde se observam os locais em que assentaria. A muralha interligava *tors* entre si, guarnecendo as áreas mais expostas em termos defensivos e assentou,

na maioria da sua extensão, diretamente sobre os afloramentos graníticos. Para uma maior estabilização da estrutura eram escavados largos sulcos onde assentavam as pedras, nomeadamente as que constituíam o paramento externo, tal como se consegue contemplar no espaço de acesso ao povoado. Entre as pedras derrubadas encontram-se alguns silhares de almofadado alto medieval e silhares com entalhes que garantiam ligações entre si mais estruturadas e sólidas. É na zona de acesso ao interior do povoado (zona Noroeste) que se encontram os maiores silhares e um maior aparato construtivo, o que evidencia a intenção na construção de um cenário mais impactante para quem ali chegasse. Por outro lado, os restos conservados na muralha mostram que o povoado apenas teria uma entrada, que se fazia entre dois troços de muralha desalinhados, criando uma porta discreta, mas bem protegida (Figura 3).

O sítio arqueológico foi intervencionado arqueologicamente pela primeira vez em 2013, quando a comissão de festas da ermida decidiu realizar uma construção de apoio à romaria. Esta obra teve como medida preventiva, imposta pela tutela do património, a realização de sondagens arqueológicas no espaço que seria afetado pela construção. Estas foram realizadas por um dos signatários (HB). Não obstante as sondagens não terem dado resultados arqueológicos, o arqueólogo responsável, contactou a investigadora principal (CT) do projeto EICAM (*Projecto Interdisciplinar de Comunidades Alto Medievais. O caso de Viseu*), no sentido de avaliar a cronologia e importância do sítio. Deste contacto resultou a inclusão do sítio arqueológico neste projeto. Nesse âmbito foram realizadas três campanhas de escavações (2014 e 2016) dentro do recinto amuralhado. Os trabalhos foram financiados pela Fundação Calouste Gulbenkian, pela Câmara Municipal de Sátão e pela paróquia de Romãs.

Os dados recolhidos nestas campanhas estão ainda a ser processados e o estudo deste sítio arqueológico ainda está a decorrer e será demorado face à quantidade de informação que pôde ser extraída dos contextos arqueológicos ali identificados. Apresentam-se aqui, de forma necessariamente sintética, os resultados que já puderam ser alcançados, principalmente os relativos às campanhas de 2014 e 2015.

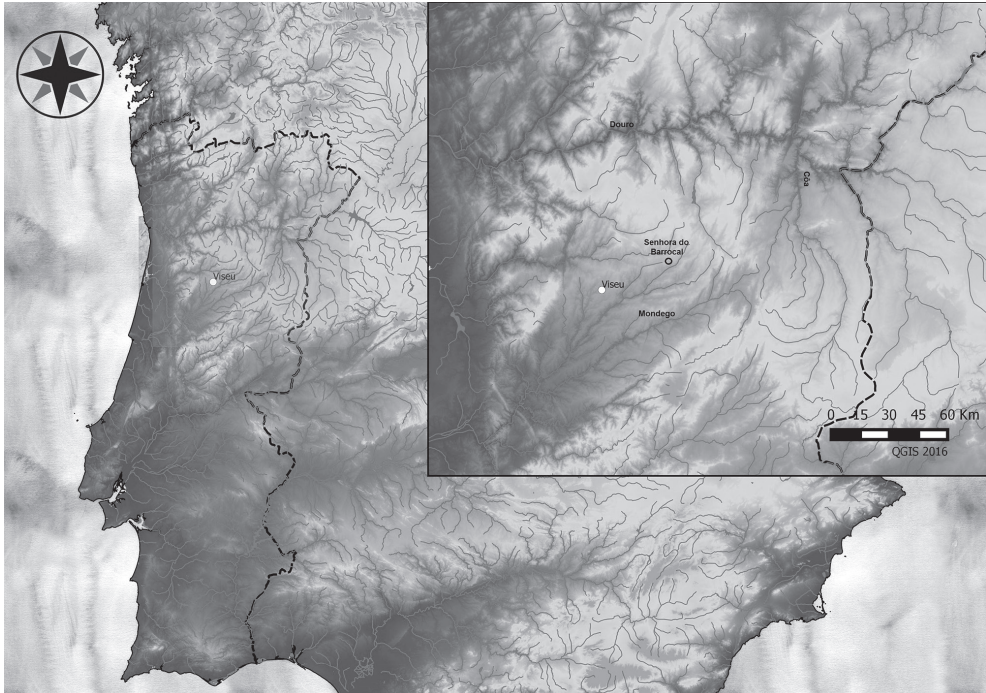


Figura 1

Localização do sítio da Senhora do Barrocal.



Figura 2

Povoado da Senhora do Barrocal, visto do lado Norte, na estrada que leva à Ermida da Senhora das Candeias e São Brás, no horizonte pode-se ver a Serra da Estrela.



Levantamento topográfico Geo-Referenciado: IT6289
Escala 1:200

Figura 3

Levantamento topográfico da Senhora do Barrocal, com indicação dos sectores de escavação (I e II), muralha conservada, reconstrução de troços da muralha, afloramentos principais da área ocupada pelo povoado; capela atual e sepultura escavada na rocha (laranja).

2. OS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS

Quando se realizou a primeira visita ao local por parte desta equipa (fevereiro de 2014) verificou-se que o mesmo havia sido alvo de uma violação, observando-se uma cratera na plataforma virada a Noroeste. No início da campanha de 2014, realizada durante o Verão, verificou-se a abertura de mais duas áreas, felizmente pouco profundas, que afetavam novamente a plataforma virada a Noroeste e uma área a Sul junto ao abrigo natural sob rocha existente no tor central. Estas ocorrências foram determinantes para a definição das áreas a intervir, já que havia que minimizar e avaliar o impacto da abertura destes buracos, que cremos terem servido para obter espólio arqueológico. Foram assim definidos dois sectores que abrangiam os espaços afetados, mas que não se cingiram aos mesmos, sendo mais abrangentes (Figura 2). A escavação possibilitou verificar que ambas as violações detectadas não tiveram consequências significativas na preservação dos contextos arqueológicos, na medida em que foram pouco profundas. Os sectores interviridos podem descrever-se do seguinte modo:

Sector I - localiza-se na única plataforma com sedimento existente no interior do sítio, situando-se na área Noroeste do povoado, virado à capela e próximo da entrada original do mesmo. Aqui foi aberta a maior área de escavação (no total dos 3 anos 101m²) que se dispôs transversalmente à muralha (Figura 4A), de forma a abarcar as áreas interna e externa da mesma. Este sector foi o que mais dados forneceu e onde se identificou uma estratigrafia mais complexa, tendo o mesmo sido intervirido durante as três campanhas de escavação já mencionadas;

Sector II - foi implantado numa área com acumulação de sedimento próximo do abrigo sob rocha existente no tor central, virado ao lado sul do povoado com vista privilegiada para o vale que lhe é próximo e para a Serra da Estrela no horizonte mais longínquo (Figura 4B). Neste sector foram realizadas duas sondagens não contíguas: a S.1, integrou a área anexa aos afloramentos onde havia sido identificado um covacho de violação, tendo sido escavados 18m², e a S.2, aberta no interior do abrigo, abrangendo uma área de 2m², dispostos de forma alinhada e transversalmente à entrada do abrigo. Ambas as sondagens foram realizadas durante a campanha de 2014. A estratigrafia reconhecida era muito simples, constando de um primeiro nível humoso, do nível de destruição/ocupação do espaço, contendo carvões de pequena dimensão e artefactos em metal e cerâmica (olaria e de construção) e de uma camada de degradação do granito, composta por areão estéril que se sobrepunha ao granito de base.



A



B

Figura 4

Vistas gerais dos sectores intervencionados na Senhora do Barrocal: A - Sector I; B - Sector II.

Em ambos os sectores foi possível identificar unidades domésticas. A do sector II aproveitava e integrava o abrigo referido, prolongando-o através de uma construção feita com materiais perecíveis, que era telhada, com telhas de meia cana, por vezes decoradas com linhas mais ou menos onduladas feitas com os dedos na pasta fresca. A totalidade do espólio aqui recolhido está já estudado e apresentam-se os resultados no apartado dedicado à produção artefactual.

Também em ambos os sectores foi identificado um nível de destruição que foi consequência de um incêndio, que queimou as unidades domésticas e todo o espólio que se encontrava no seu interior. Este episódio dramático possibilitou a conservação extraordinária dos macrorrestos vegetais, particularmente no sector I, onde há maior potência sedimentar. Neste sector, os macrorrestos vegetais encontravam-se concentrados numa camada sedimentar de pouca espessura que se desenvolve por baixo de um nível de telhas de meia cana, que corresponde ao colapso das estruturas do telhado da construção ali identificada. Entre a superfície dos afloramentos e este nível de telhas estava selado todo o recheio das estruturas ali identificadas. Nos alargamentos sucessivos durante as campanhas de 2015 e 2016 verificou-se que, as estruturas eram feitas de madeira e sustentariam um telhado, ao contrário do que se tem podido observar noutros povoados contemporâneos (p.e. Penedo dos Mouros, São Gens ou Soida), onde as coberturas/paredes seriam inteiramente construídas em materiais perecíveis. Pela sua disposição verificou-se que as sementes estariam guardadas em sacos ou cestos provavelmente pendurados nos travejamentos do telhado da cabana que ali existiria. Dentro da mesma foi também possível recolher diversos recipientes cerâmicos de levar à mesa e de cozinhar, várias peças em metal de uso quotidiano, bem como cossoiros, afiadores em pedra e elementos de adorno (contas de colar em pasta vítrea). Este contexto no seu conjunto revela que não estamos perante uma área de armazenagem, mas antes um espaço multifuncional, provavelmente onde habitaria uma família, cujos alimentos estariam guardados em suspensão para os manter secos e longe de eventuais roedores.

O nível de destruição da primeira fase de ocupação do povoado foi datado por radiocarbono, tendo-se para o efeito escolhido amostras de vida curta, mais precisamente uma fava e grãos de centeio que foram identificadas nas unidades estratigráficas referentes ao incêndio (Tabela 1). Ambas as datações são concordantes entre si e datam o momento em que ocorre o incêndio que destrói as estruturas existentes durante a primeira fase de ocupação. Para a fava obteve-se um intervalo de tempo com 95.4% de probabilidade que se baliza entre os anos de 974 e 1025, ou seja, correspondendo ao quarto quartel do século X e o primeiro do século XI.

Por seu lado, na datação do centeio o intervalo de tempo de 95.4% de probabilidade aponta para que o acontecimento tenha ocorrido entre 895 e 1021, o que alarga o intervalo de tempo. Na conjugação de ambas as datações admitimos que o incêndio da Senhora do Barrocal possa ter ocorrido entre 974 e 1021 (Tabela 1).

Proveniência	Ref. laboratorial	Tipo de amostra	Data BP	cal BC/AD
Sector 1, UE9 (nível incêndio)	Wk-40079	<i>Vicia faba</i> (fava)	1040 ± 21 BP	992-1017 (68.2%) 974-1025 (95.4%)
Sector 1, UE125 (nível incêndio)	Beta - 46513	<i>Secale cereale</i> (centeio)	1170 ± 30	895-928 (20.9%) 940-1021 (74.5%)

Tabela 1

Datações por radiocarbono obtidas na Senhora do Barrocal. Calibrações feitas através do Programa OxCal 4.3 (Bronk-Ramsey, 2009), baseada na curva IntCal13 (Reimer et al., 2013).

3.1 A muralha

Em 2014 julgou-se que a muralha era coetânea do povoado que havia sido destruído pelo incêndio, e que após este, o sítio havia sido abandonado. Nesse ano não se escavou o interior da muralha e o nível de incêndio aparentemente encostava à base da mesma. Porém, o avanço das escavações em 2015 e 2016, que implicaram o alargamento das áreas escavadas no interior do povoado e a intervenção no interior da estrutura vieram revelar uma situação diferente: a muralha foi construída após o incêndio. Este facto veio a ser revelado através de vários indícios:

- Identificação em 2015 de dois vasos quase inteiros no interior da muralha e que se verificou terem sido atirados para preencher o interior da muralha;
- Identificação de manchas de sementes concentradas (bolsas) no preenchimento da muralha, revelando serem despejos feitos na fase de construção da muralha, em que se utilizaram os detritos resultantes do incêndio;
- Identificação de fragmentos de telhas e outras cerâmicas, por vezes carbonizadas, no enchimento da muralha;

O desmonte parcial (2m²) da muralha realizado em 2016 revelou que o nível de incêndio estava por baixo das pedras de base da muralha, ainda que se tenha observado que houve uma limpeza dos afloramentos antes de colocar as pedras que constituíam os paramentos da estrutura.

A compilação destes dados revela que a muralha foi imediatamente construída após o incêndio. O tempo entre os dois episódios não se pode precisar, porém, o mesmo foi necessariamente curto para que não tivessem caído as chuvas que iriam lavar as cinzas presas na rugosidade dos afloramentos.

Efetivamente a escavação mostrou que os afloramentos por baixo das pedras da muralha tinham ainda conservado as fuligens do incêndio.

Outro importante dado recolhido está relacionado com a técnica construtiva e a dimensão da base desta estrutura. A mesma, como já indicado, recorreu maioritariamente a pedra não trabalhada e conjugou-a com pedras aparelhadas. As de maior dimensão (mas ainda assim com dimensões entre si muito variadas) definiam os paramentos interno e externo. O espaço entre eles era preenchido com materiais pétreos de menor dimensão, areão e terra. Na área escavada no sector I, identificaram-se pelo menos dois momentos construtivos da muralha (Figura 5), mas uma vez mais não se consegue determinar o tempo que os separou. Ainda assim não deve ter sido um intervalo muito grande, pois por baixo de ambas as fases encontra-se o mesmo nível arqueológico do incêndio, pelo que se coloca a hipótese de poderem corresponder a uma técnica construtiva e não necessariamente fases diferenciadas ou reparações na muralha. Também é possível observar um alargamento da base no extremo Norte, planificado conjuntamente com os restantes troços e que supomos que possa ser a base de uma espécie de torre de canto, já que se localiza numa das inflexões da estrutura.

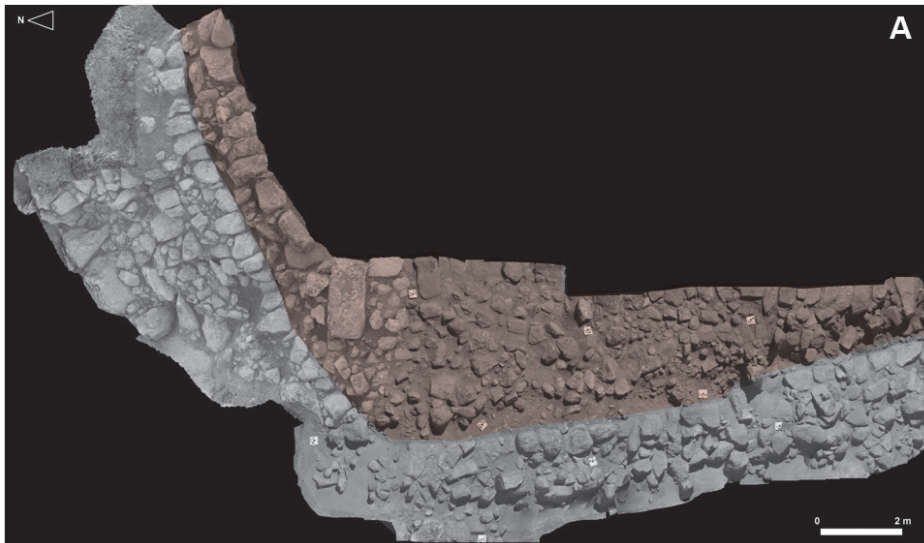




Figura 5

Muralha localizada no sector I: A. Levantamento fotogramétrico da muralha, onde é possível observar vários momentos de construção (técnica construtiva ou reforço da estrutura); B. Muralha durante o processo de escavação em 2016, momento em que se iniciava o desmonte parcial.

3.2 A produção artefactual

Durante o período em que este povoado foi ocupado, as pessoas que aí residiram produziam a maioria dos seus objetos quotidianos em matérias perecíveis como a madeira, a cortiça ou fibras vegetais, fazendo com que a maioria da sua forma original não se tenha conservado, excluindo-se os fragmentos de cortiça preservados devido ao incêndio. Apenas utilizaram materiais mais duráveis, como a cerâmica (ou a pedra), quando uma maior resistência do material conferia melhor funcionalidade ao objeto.

Entre os artefactos feitos em cerâmica da Senhora do Barrocal encontram-se as telhas de meia cana, por vezes decoradas com linhas diversas feitas com os dedos sobre a pasta fresca, e os cossoiros, evidenciando estes que a comunidade que habitava neste povoado deveria produzir os seus próprios têxteis.

Foram identificados no interior do povoado milhares de fragmentos de cerâmicas, alguns metais, e peças de moagem (moventes e dormentes), afiadores

em pedra, e vários tipos de escórias Apesar de a totalidade da coleção identificada nas três campanhas realizadas na Senhora do Barrocal ainda não estar estudada, as primeiras impressões do estudo do espólio evidenciam que, de um modo geral, este é muito similar ao estudado em São Gens e no Penedo dos Mouros. No presente artigo apresentamos apenas o estudo da coleção artefactual identificada no sector II, por se encontrar já concluído e fazem-se algumas considerações sobre as peças que sobressaem pela exogeneidade no âmbito destes contextos do século X. Apesar de não se poder avançar muito mais no que se refere aos milhares de fragmentos de cerâmica identificados no sector I, pode-se desde já mencionar que a coleção integra fundamentalmente peças de tradição local, tais como potes/panelas, alguidares e jarros, que ostentam decorações igualmente semelhantes às coleções identificadas nos sítios referidos. As peças na sua maioria foram fabricadas a torno rápido e eram cozidas em ambientes tendencialmente oxidantes.

No sector II do sítio da Senhora do Barrocal, que foi intervenciado em 2014, recolheram-se 897 fragmentos de cerâmicas, distribuídos de acordo com o apresentado na tabela 2.

Sector	Bojos	Bojos dec.	Bordos	Asas	Bases Planas	Bases Disco	Total
II	729	65	47	10	42	4	897

Tabela 2

Contagem dos fragmentos de cerâmica identificados no sector II.

Este conjunto encontra-se muito fragmentado, à semelhança do que ocorre nos povoados similares desta região. Tal deve-se, em grande medida, aos fenómenos de destruição dos sítios. O nível de fragmentação dificulta a contagem das peças, mas ainda assim procedeu-se ao processo de correlação de fragmentos com o objetivo de determinar o NMR (número mínimo de recipientes), e à recuperação das formas orginais. No total foram identificados um NMR de 22 (Gráfico 1), entre os quais se reconhecem um vaso troncocónico invertido sem decoração; três alguidares, um deles com decoração incisa ondulada (nº290); oito jarros, em que três deles possuem decoração, um deles é carenado, outro possui um arranque de asa e o último tem um ressalto para a colocação de uma tampa. A tipologia mais recorrente são os potes/panelas com 10 peças reconhecidas, possuindo três delas decoração: uma com um cordão plástico simples, outra tem uma carena e a última possui um cordão plástico simples e linhas incisivas.

Dos 897 fragmentos cerâmicos identificados no sector II, 75 são decorados, sendo que a maioria são bojos. Estes apresentam decorações incisadas, simples ou duplas, podendo ser onduladas ou direitas paralelas ao bordo, presentes quer na face interior, quer exterior ou ambas faces; podem também possuir punções, caneluras, digitações, carenas, serem pintadas e possuírem, conjuntamente, incisões de linhas direitas (peça nº 107); ou aplicações com cordões plásticos, simples/sem decoração, digitados ou com incisões.

Os bordos apresentam decorações semelhantes com linhas incisadas onduladas, aplicação de cordões incisados e digitados e as bases em disco possuem decoração com digitações.

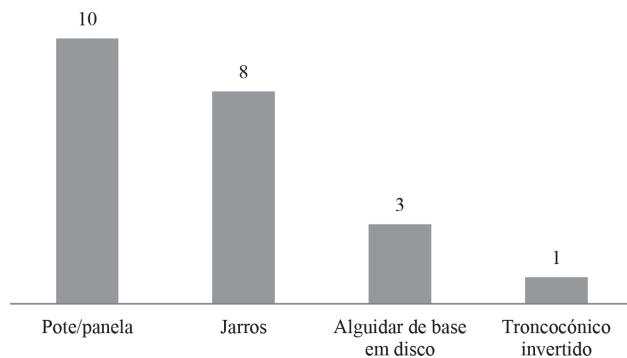


Gráfico 1

Contabilização e atribuição tipo/função às peças pertencentes ao NMR identificadas no sector II.

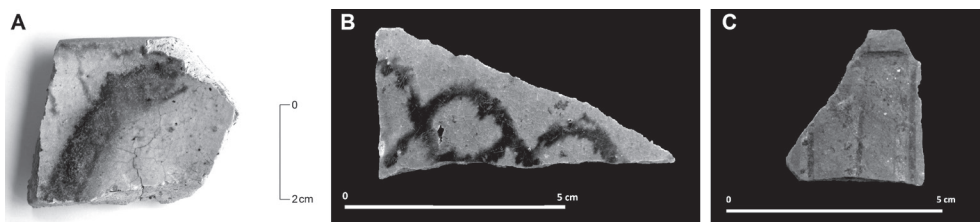


Figura 6

Cerâmicas islâmicas identificadas no contexto datado do final do século X/inícios do século XI:
 A. Fragmento de taça decorada a verde e manganês, B. Fragmentos de bojos de peça, com vidrado melado, decorada a manganês, C. Fragmento de bojo pintado a negro e branco.



Figura 7

Fotografia de escavação do sector I (campanha de 2016) relativo ao nível de incêndio e colapso da estrutura (cabana/casa) que ali foi identificada. Nesta imagem é possível observar a convivência no mesmo nível (datado de finais do século X/inícios do século XI) de cerâmicas de tradição local, decoradas com cordões e linhas onduladas, um gargalo e arranque de pança de uma garrafa vidrada a verde de fabrico islâmico e uma espora em ferro. Apesar de não ser visível, nesta imagem estão igualmente misturadas com a terra, algumas sementes e carvões resultantes do incêndio.

Não obstante as semelhanças com outras coleções de cerâmica de povoados contemporâneos, na Senhora do Barrocal revelou-se uma realidade material até agora desconhecida nestes contextos. No sector I foram identificadas algumas peças origem exógena, mais concretamente oriundas do mundo islâmico. Entre elas conta-se com um fragmento de uma taça decorada a verde e manganês, identificada durante a primeira campanha, fragmentos de uma peça (forma ainda não identificada) com vidro melado e decorada a manganês, com uma representação aparentemente zoomórfica (Figura 6), parte de um garrafa vidrada a verde plúneo (Figura 7) e ainda alguns fragmentos de pequena dimensão de peças pintadas a negro e a branco. Como o seu estudo está ainda a ser realizado, é possível que venham ainda a ser identificadas mais algumas peças ou mais fragmentos pertencentes às peças aqui referidas. Claramente que se tratam de cerâmicas únicas nestes contextos, todas elas são de boa qualidade

em termos de pastas e decorações e, aparentemente, pertencentes à categoria de peças de servir à mesa¹². Até a coleção estar totalmente estudada é ainda prematuro avançar hipóteses que expliquem estes achados. No entanto, eles revelam, sem sombra para dúvidas, ligações entre as populações da região viseense com o Sul islamizado. As mesmas podem ainda traduzir materialmente a capacidade de aquisição de peças (cerâmicas e outras eventualmente) em mercados onde produtos fabricados no mundo islâmico eram vendidos. Não é também de excluir a hipótese de poderem tratar-se de trocas de presentes que reconhecidamente faziam parte do estabelecimento de acordos e relações políticas (Davies, 2010). Para que possamos avançar mais na explicação da sua origem ir-se-ão realizar análises químicas para que, eventualmente, se possa vir a identificar os centros produtores destas peças excepcionais nestes contextos.

Face à totalidade dos artefactos recolhidos, o número de objetos metálicos é algo reduzido, o que não é surpreendente, uma vez que o mesmo sucede nos povoados contemporâneos da mesma região. O seu estudo ainda não está em curso, mas o seu inventário está completo (Tabela 3). Uma grande quantidade de metais em ferro recolhidos ainda não se consegue perceber a sua forma, mas é possível que após a limpeza em laboratório possamos ter um maior índice de identificações. Entre os objetos metálicos reconhecíveis, os mais comuns são os pregos, entre os 54 fragmentos de objetos ou objetos em metal recolhidos, 20 inserem-se nesta tipologia. A representatividade dos pregos é compreensível, na medida em que a maioria das estruturas existentes no povoado seriam feitas de madeira. Houve ainda possibilidade de associar pregos à fixação dos telhados, pois foram identificados dois pregos que atravessam fragmentos de telha.

Entre os restantes objetos de metal, foram também reconhecidas três lâminas de faca, (reconhecidas em ambos os sectores), assim como duas fivelas de cinturão. É ainda de destacar o aparecimento de uma espada, que apareceu durante a campanha de 2016 e que se encontrava no nível de destruição decorrente do incêndio (Figura 7). Entre as peças que merece referência está também uma argola de bronze encontrada entre uma grande concentração de sementes e carvões, indiciando que a mesma poderia estar relacionada com a forma como os sacos ou cestas que guardavam a sementes estavam pendurados nas traves da cobertura (Figura 8).

Embora a grande maioria da matéria prima utilizada seja o ferro há, contudo, dois objetos de bronze. Como são comuns a presença de escória de ferro em todo o povoado e níveis, é possível que alguns dos objetos metálicos, pelo menos os construídos com ferro, fossem produzidos no povoado. Para a fase de

12 Há casos em que os fragmentos não permitem ainda reconhecer que tipo de peça se tratava, talvez com o avanço do estudo da totalidade da coleção se possa vir a conseguir identificar a totalidade da função e forma das peças.

ocupação que sucede ao incêndio foi possível identificar, ainda que num estado de conservação débil, dois pequenos fundos de forja, sobre as quais se recolheram fragmentos de escórias e carvões de urze. Admite-se que os objetos de bronze possam não ter sido ali produzidos, mas apenas com o avançar dos estudos específicos sobre a metalurgia e os objetos de metal permitirão obter dados mais concluentes sobre esta atividade artesanal.

Sector	UE	Prego	Prego cravado em telha	Frag. indet.. ferro	Lâmina ferro	Fivela ferro	Espora ferro	Argola bronze	Frag. ind. bronze
I	Sup.	2		2					
	100	2							
	102	2			1	1			
	103	2							
	104	1		1		1		1	
	106	1							
	107	6		8			1		
	108	1							
	109	1							
	114	1			1				
	118	1		3					
	120			1					
	121			7					
	125		1						1
128			2						
129		1	1						
II	201				1				
Total	20	2	25	3	2		1	1	

Tabela 3

Inventário dos objetos metálicos identificados nas três campanhas de escavação.

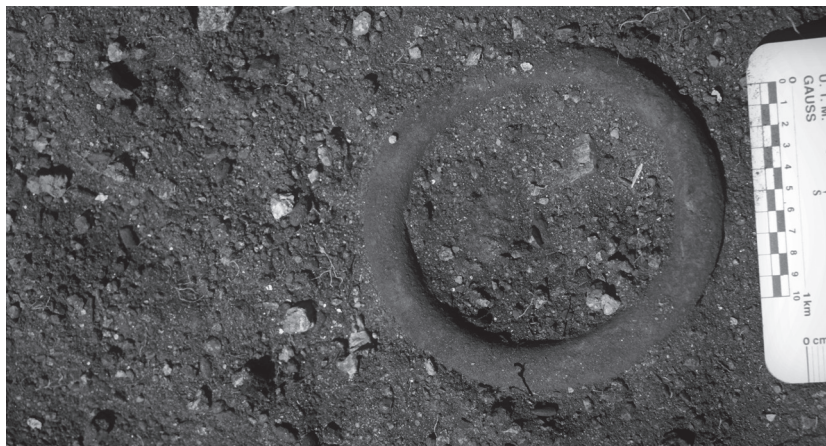


Figura 8

Fotografia de escavação do sector I (campanha de 2015) relativo ao nível de incêndio colapso da estrutura (cabana/casa) que ali foi identificada. Nesta imagem é possível observar o aparecimento de uma argola em bronze que deveria fazer parte do sistema de prensão nas traves do telhado dos sacos/cestas que guardavam as sementes.

3.3 Os dados da arqueobotânica

A interpretação de vestígios arqueobotânicos é fortemente condicionada pela estratégia de recolha de amostras sedimentares durante os trabalhos de escavação. A realização de recolhas exaustivas, seguindo estratégias predefinidas, ainda que adaptáveis no decorrer das intervenções, não é prática comum na Arqueologia portuguesa, menos ainda em contextos medievais. Na verdade, mesmos noutras cronologias mais antigas, as amostragens raramente ocorrem de forma a garantir representatividade face à realidade sedimentar escavada. Neste sentido, intervenções como aquelas realizadas na Senhora do Barrocal e noutras jazidas medievais da região, constituem exemplos particularmente relevantes. A sua importância extrapasa, pelo exemplo que constituem, o período cronológico a que se referem.

Nas intervenções da Senhora do Barrocal, foi detetado um contexto de excepcional concentração de material vegetal carbonizado, associado a um nível de destruição. Este contexto foi abordado com especial cuidado de forma a garantir um estudo sistemático dos vestígios botânicos, seguindo uma prática comum a outras escavações realizadas pela mesma equipa na região em questão¹³.

¹³ Ver artigo sobre São Gens, neste volume e Oliveira, et al., 2017.

Tratando-se de um nível de destruição associado a um incêndio, desde início que se assumiu que as madeiras carbonizadas seriam, em parte, originárias da estrutura destruída e que os abundantes elementos carpológicos, em especial cereais, forneceriam importantes informações acerca da função ou, pelo menos, da parte final da história da estrutura em questão. Deste modo, o estudo arqueobotânico assume um papel particularmente relevante na interpretação da área escavada. Além dos níveis associados ao derrube, foram recolhidas amostras em outros contextos arqueológicos.

Após a escavação das primeiras quadrículas com vestígios do incêndio, optou-se pela recolha integral do sedimento escavado. Este foi depois flutuado manualmente (amostras das campanhas de 2015) ou com recurso a máquina de flutuação (amostras da campanha de 2016) usando uma malha de crivo de 0,5mm. O volume de sedimento recolhido e a quantidade de material arqueobotânico não tem paralelos na arqueologia medieval portuguesa pelo que o seu estudo ainda está a decorrer. Deste modo, apresentam-se aqui os dados referentes unicamente a 193 amostras das 513 enviadas para análise. Restringe-se este texto a uma abordagem preliminar aos vestígios recolhidos no nível de incêndio, nomeadamente nas U.E. 107 e 125. Estas duas unidades estratigráficas correspondem a um mesmo nível sedimentar com claras evidências de fogo (abundantes elementos vegetais carbonizados), com ligeiras diferenças de coloração.

3.3.1. Resultados do estudo antracológico

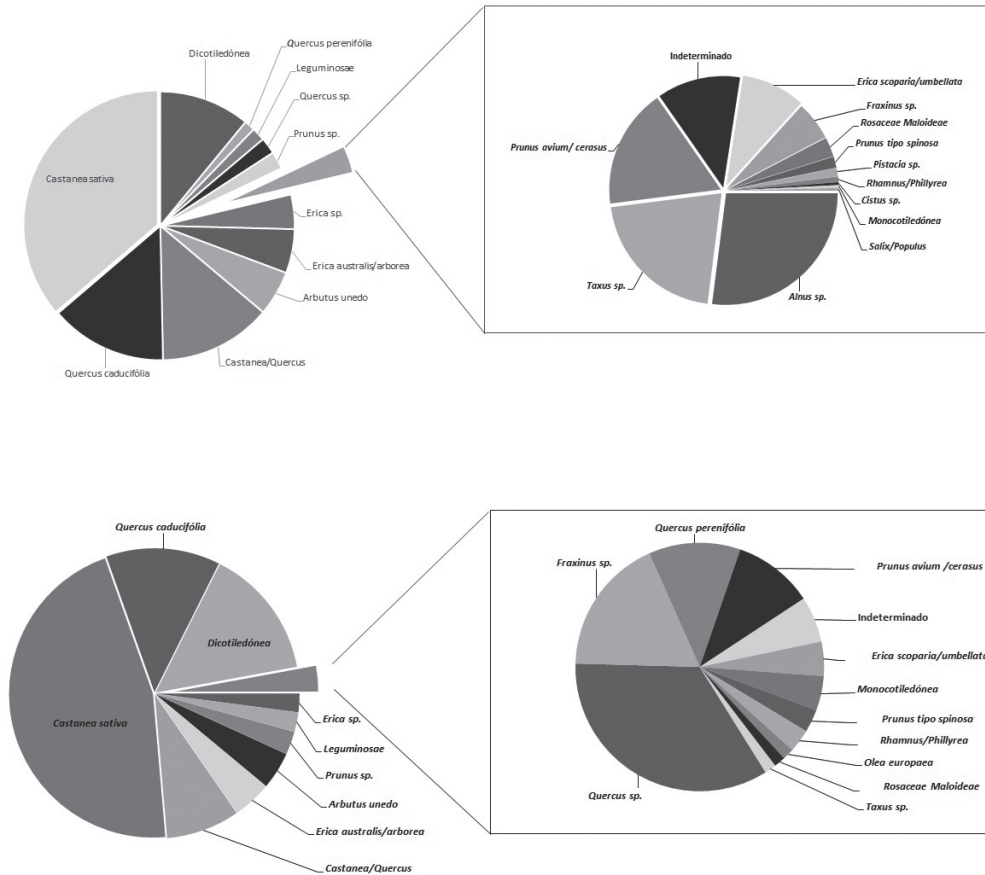
A identificação dos carvões seguiu uma metodologia laboratorial standard onde os carvões foram fragmentados manualmente segundo as três secções de diagnóstico (transversal, longitudinal radial e longitudinal tangencial) e observados à lupa e microscópio de luz refletida. Sempre que se justificasse, recorreu-se ao apoio de atlas e bibliografia da especialidade (Schweingruber 1990a, 1990b; Vernet et al., 2001; Akkemik, Yaman, 2012). Além do diagnóstico taxonómico, características tafonómicas dos fragmentos também foram registadas, tais como a curvatura de anéis (fraca, moderada e forte), ocorrência de fissuras radiais e vitrificação (ex: MacParland et al., 2010; Théry-Parisot, Henry, 2012), presença de madeira de reação ou deterioração biológica (ex: galerias de xilófagos). Também foram obtidos dados relativamente à dimensão dos fragmentos e à massa de cada um dos taxa identificados. No entanto, esta informação carece de uma exploração e interpretação mais detalhada pelo que não será abordada no contexto deste trabalho.

A análise foi efetuada sobre 193 amostras relativas às U.E. 107 (n=113) e 125 (n=80) distribuídas por 11 quadrículas. Das amostras referentes a estas U.E., apenas em 19 amostras não foi possível obter material suscetível de identificação.

Assim, a análise laboratorial resultou num conjunto de 9893 fragmentos identificados, onde 7501 referem-se à U.E. 107 e os restantes 2392 à U.E. 125.

Os resultados evidenciam uma concordância na frequência relativa dos taxa predominantes nas duas U.E. (Gráficos 2 e 3) sugerindo ser certa a dedução de que as duas U.E. referem-se a pequenas variações da mesma unidade sedimentar. Assim, salienta-se a ocorrência de *Castanea sativa* e *Quercus* spp. (que inclui *Quercus* de folha caduca e *Quercus* de folha perene) como taxa dominantes no conjunto dos carvões analisados. Realça-se ainda a ocorrência de fragmentos adstritos ao tipo anatómico “*Castanea/Quercus*”, designação utilizada sempre que não foi possível a identificação de caracteres anatómicos que permitissem a distinção entre estes dois géneros da família Fagaceae. Como quarto grupo mais representado nas duas U.E., surgem as dicotiledóneas. A identificação a este nível com tão pouco detalhe taxonómico deve-se ao avançado estado de degradação dos fragmentos ou a ocorrência de fenómenos tafonómicos de tal ordem prejudiciais à distinção das características anatómicas, que um diagnóstico mais preciso se torna impraticável.

Além da presença de madeira de *Quercus* de folha perene surgiram também, ao longo da análise, fragmentos de cortiça. Relativamente aos restantes taxa, surgem com relativa abundância taxa arbustivos como Leguminosae (grupo que inclui giestas e tojos, por exemplo), *Erica arborea/australis* ou *Erica scoparia/umbellata* (urzes) e *Arbutus unedo* (medronheiro), contrastando com outros menos frequentes como Rosaceae Maloideae (inclui espécies como pilriteiro ou sorveira), *Rhamnus/Phillyrea* (espinheiro-preto/aderno) ou *Cistus* sp. (esteva). De assinalar também a presença de *Prunus avium/cerasus* (cerejeira/ginjeira) nas duas U.E. que deixou, também, vestígios no registo carpológico. A representatividade de espécies associadas a linhas de água como *Alnus* sp. (amieiro) ou *Fraxinus* sp. (freixo) está próxima de 1%, traduzindo-se em pouco mais de uma centena de fragmentos no conjunto das duas U.E. As gimnospérmicas apenas surgem representadas por *Taxus baccata* (teixo) com pouco mais de meia centena de fragmentos.



Gráficos 2 e 3

Diversidade de taxa observados nas duas U.E. em análise (A – U.E. [107] ; B – U.E. [125]). Por uma questão de representação, os taxa com frequência relativa inferior a 1% foram agrupados numa categoria destacada.

O padrão evidenciado na análise da curvatura de anéis é semelhante nas duas U.E. em análise. O predomínio de curvaturas fracas (aproximadamente 70%), indicadora de madeiras de grande calibre, coaduna-se com a interpretação sugerida para estas U.E., que corresponderiam ao colapso de estruturas como consequência de um forte incêndio. Estes resultados sugerem que estas estruturas tenham sido construídas com madeira de árvores bem desenvolvidas, capazes de suportar forças de compressão e tensão. A presença de curvatura

forte (aproximadamente 3%) está associada a *taxa* arbustivos, nomeadamente, Leguminosae e *Erica* spp. (principalmente *Erica arborea/australis*) relacionado com o pequeno porte dos indivíduos.

A presença de vitrificação registou-se em, aproximadamente, 13% dos carvões analisados em cada uma das U.E. Os dados recolhidos atestam a relação próxima entre a presença de vitrificação nos carvões e a dificuldade em conduzir uma identificação precisa. Assim, a maior percentagem de fragmentos com vitrificação corresponde a Dicotiledónea que se destaca dos restantes *taxa*, escassamente representados neste espectro. Uma das hipóteses apontadas sugere que a ocorrência de vitrificação está associada à combustão a elevadas temperaturas. No entanto, experiências recentes sugerem que essa relação não é inequívoca e que a vitrificação dever-se-á a uma combinação de diversos fatores de difícil compreensão (MacParland et al., 2010).

Relativamente à presença de fissuras radiais observaram-se padrões distintos nas duas U.E. em estudo. Na U.E. 107, o *taxon* com maior frequência de fissuras radiais foi *Quercus* de folha caduca enquanto na U.E. 125 foi Dicotiledónea. Segundo Théry-Parisot e Henry (2012), a presença de fissuras radiais estará relacionada com a queima de madeira verde.

A análise dos carvões permitiu observar características anatómicas que poderão estar relacionadas com atividades de gestão das árvores (poda ou talhadia, por exemplo). Essa hipótese traduz-se na presença de anéis sinuosos (Figura 8). Os anéis sinuosos caracterizam-se por serem mais curtos que os anéis de crescimento normal, apresentando lenho de verão muito reduzido, observando-se praticamente apenas o lenho de primavera. Assim, é observável uma grande concentração de pequenos anéis de crescimento numa área pequena (e.g.: Deforce, Haneka, 2015). Nas U.E. em análise, a presença de anéis sinuosos verificou-se em 56 fragmentos de *Quercus* de folha caduca, um de *Quercus* de folha perene e outro de *Castanea/Quercus*.

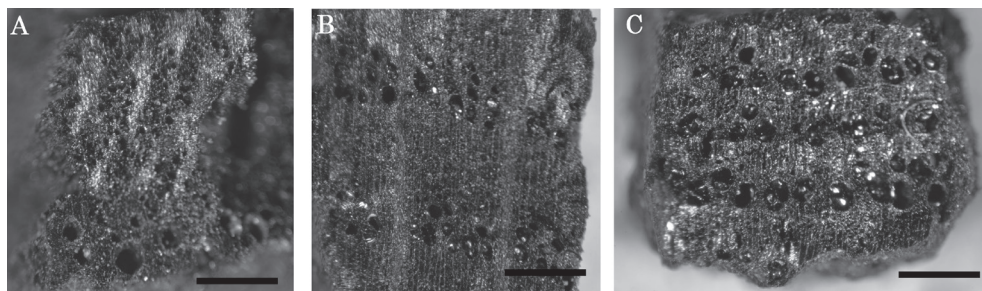


Figura 9

Secção transversal de fragmentos de carvão (escala: 1mm): a) *Castanea sativa*.
b) *Quercus* de folha caduca. c) *Quercus* de folha caduca com anéis sinuosos.

O povoado alto-medieval da Senhora do Barrocal encontra-se na região centro de Portugal onde a existência de outros povoados coevos com estudos arqueobotânicos possibilita a obtenção uma caracterização regional do uso de madeira nesta cronologia. Nos estudos provenientes da análise de material de Penedo dos Mouros, Soida, São Gens e Góis (Queiroz, van Leeuwaarden, 2003, Queiroz, Leeuwarden, 2004, Queiroz, 2009a, 2009b) assiste-se a uma dominância repartida entre *Quercus* spp. (*Q. pyrenaica* e *Q. coccifera*), *Castanea sativa* e *Arbutus unedo*. Estes resultados refletem a tendência geral dos sítios da região onde o domínio de folhosas é evidente. Articulam-se também com os dados biogeográficos e fitossociológicos da região centro do país com influência do maciço da Serra da Estrela, de carácter marcadamente mediterrânico, com algumas espécies de carácter mais Atlântico/Eurossiberiano como *Quercus robur* na vertente noroeste. As comunidades vegetais típicas desta região de maior altitude incluem *Quercus pyrenaica* associadas a tojais-urzais no sub-bosque (Costa et al., 1998). Estes resultados são, também, passíveis de comparação com os dados palinológicos provenientes de estudos realizados na Serra da Estrela. Estes documentam fortes ações de desflorestação sensivelmente na cronologia aqui em questão, que deverão estar associados a atividades humanas, tais como a agricultura e pastorícia que, de igual modo, terão ativado episódios erosivos. Nesta fase verifica-se um aumento de espécies como *Erica arborea* que ocupariam os solos florestais cada vez mais desprovido de árvores (nomeadamente de *Quercus* spp., Connor et al., 2012, van der Knaap, van Leeuwen, 1995). No que respeita ao castanheiro, ainda que seja uma espécie autóctone do noroeste peninsular, a sua expansão holocénica é relativamente recente e parece estar relacionado com a ação humana direta. No caso da Serra da Estrela, esta

espécie encontra-se bem implementada na região já na época medieval (van der Knaap, van Leeuwen 1995), sendo provável que a madeira e frutos encontrados em sítios arqueológicos advenham de indivíduos cultivados.

Deve sempre analisar-se com cuidado a análise paleoecológica dos dados antracológicos recolhidos em contextos arqueológicos uma vez que estes refletem práticas associadas a atividades humanas onde fenômenos de seleção estão fortemente implementados. Deste modo, os dados da Senhora do Barrocal documentam a exploração de espécies cuja presença regional está bem documentada, tanto no passado como na atualidade. A extensão da área que ocupariam é difícil de abordar com os dados que foram obtidos pois estes advêm essencialmente de madeira usada na edificação de estruturas.

3.3.2 Resultados do estudo carpológico

No que respeita ao estudo carpológico, a fração leve das amostras foi triada à lupa binocular, com o apoio da coleção de referência do Herbário da Universidade do Porto (PO), de atlas anatómicos e de bibliografia especializada (Bertsch, 1941; Beijerinck, 1947; Renfrew, 1973; Berggren, 1981; Castroviejo et al., 1986-2010; Jacquat, 1988; Anderberg, 1994; Hillman, et al., 1996; Jacomet, 2006; Nesbitt, 2006).

Devido ao elevado volume de parte das amostras em estudo procedeu-se, sempre que necessário, à subamostragem das mesmas tendo sido, posteriormente, estimadas as quantidades potenciais. Assim, os resultados aqui apresentados representam um somatório entre quantidades efetivas provenientes de amostras realizadas na íntegra e quantidades potenciais das amostras subamostradas. Na exposição dos resultados, devido à grande quantidade e diversidade do conjunto carpológico, foram contabilizadas apenas unidades carpológicas. Deste modo, foram considerados unidades os elementos carpológicos inteiros ou fragmentados com escutelo no caso das cariopses de gramíneas (incluindo cereais) e hilo no caso das sementes de leguminosas e outras famílias.

No caso das inflorescências dos cereais, foram contabilizadas as flóruas com os grãos enclausurados, os grãos com glumelas (sem base de flórua), as bases de lemas e os segmentos de ráquis.

Os resultados das duas unidades estratigráficas revelam um claro predomínio dos cereais (grãos e inflorescências). Para além destes, foi possível aferir a presença de leguminosas domésticas, outros cultivos (e.g. linho), de frutos (e.g. castanha) e sementes de diversas plantas silvestres, em especial de ambientes ruderais (Gráfico 4).

No grupo dos cereais (Gráficos 5 e 6), salienta-se o predomínio do centeio (*Secale cereale*) e da aveia (*Avena* sp. e *Avena sativa/strigosa*) em quantidades equivalentes. Contudo, considerando que as cariopses de aveia apresentam dimensões mais reduzidas, em quantidades análogas os grãos de centeio representam maior volume.

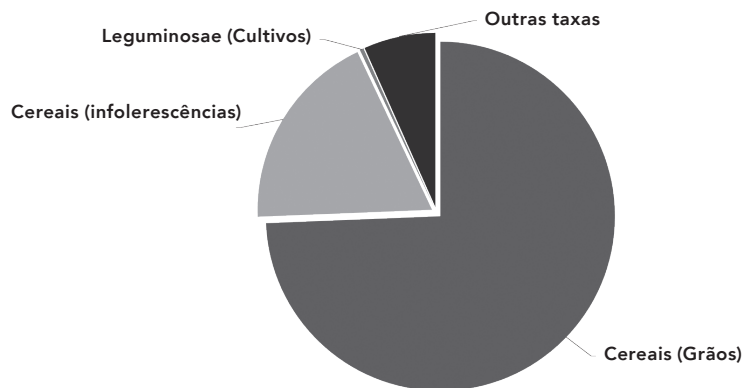
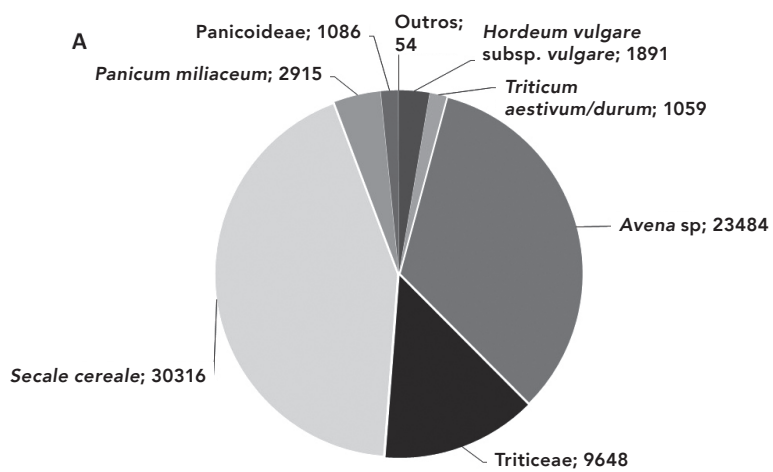
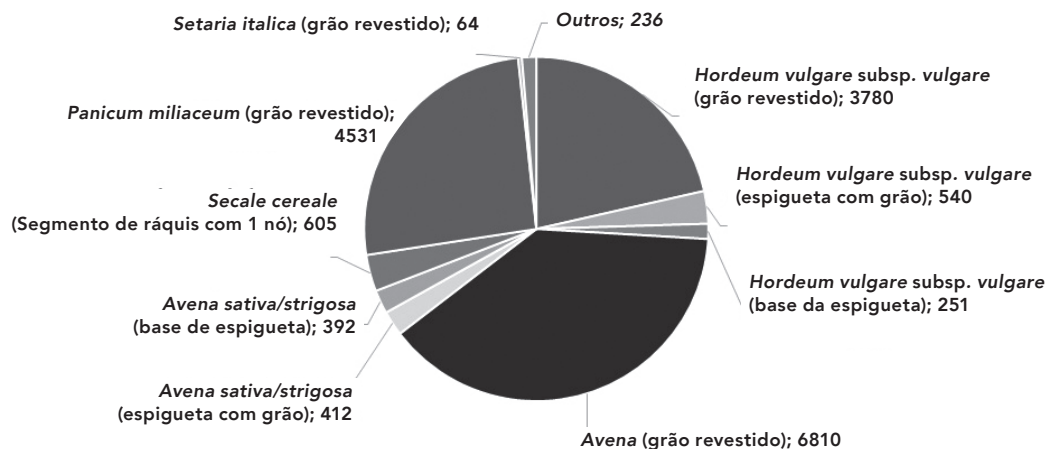


Gráfico 4

Principais grupos carpológicos presentes no sítio arqueológico da Senhora do Barrocal.





Gráficos 5 e 6

Presença relativa de cereais (A - grãos; B - inflorescências) na Senhora do Barrocal.

Realça-se, ainda que em menor quantidade, a presença de abundantes grãos de milho-miúdo (*Panicum miliaceum*) e cevada (*Hordeum vulgare* subsp. *vulgare*). Tal como no caso anterior, mas de forma mais marcante, pois a diferença de dimensões é muito grande, o mesmo número de grãos de cevada corresponde a um volume muito superior do que os grãos de milho-miúdo.

Em menor quantidade, mas num significativo número de amostras, surge ainda o trigo de grão nu (*Triticum aestivum/durum*) e o milho-painço (*Setaria italica*). No caso do trigo de grão nu, não é possível distinguir as diferentes espécies (*Triticum aestivum*, *Triticum turgidum* e *Triticum turgidum* subsp. *durum*) através da morfologia dos grãos e a ausência de inflorescências impossibilitou a identificação da(s) espécie(s) consumidas no local.

Ao longo do trabalho de laboratório foi constante a presença de inflorescências. Sendo de realçar, principalmente, a presença de grãos de cevada e aveia (Figura 9) aderidos às suas glumelas.

Os grãos de cevada surgem, maioritariamente vestidos, sugerindo que não se encontravam totalmente processadas aquando do seu armazenamento. O mesmo acontece com a aveia. Neste caso, a presença das glumelas permitiu uma identificação mais clara. Através das análises realizadas até ao momento, entendemos que estamos perante uma espécie doméstica, *Avena sativa* ou *Avena strigosa*. A continuação dos trabalhos poderá possibilitar a distinção de ambas. Também os dois milhos presentes neste estudo (milho-miúdo/milho-painço)

surgem maioritariamente vestidos. A presença da lema e da pálea aderidos aos grãos, permitiram uma distinção precisa entre as duas espécies.

As leguminosas domésticas estão em número claramente mais reduzido do que os cereais, contudo registou-se alguma diversidade. Verifica-se um predomínio da ervilha (*Pisum sativum*), seguido das favas (*Vicia faba*) e de sementes de chícharo (*Lathyrus cicera/sativus*). De salientar, apesar de pontual, a presença de lentilhas (*Lens* sp.) (Figura 10).



Figura 10

Flórcula com grão de aveia (*Avena sativa/strigosa*).

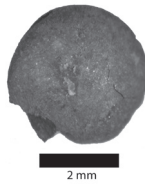


Figura 11

Semente de lentilha (*Lens* sp.).



Figura 12

Castanha (*Castanea sativa*).

Os resultados obtidos neste estudo, demonstram claramente a importância e a riqueza do conjunto. Para além dos *taxa* referidos anteriormente, salienta-se a presença de sementes de linho (*Linum* sp.), em aglomerados, resultantes da carbonização de acumulações de sementes.

Ainda dentro deste conjunto, realça-se igualmente a presença de frutos (cultivados/silvestres). Uma primeira análise carpológica (Tereso et al., 2016), permitiu detetar a presença cascas de pinhão (*Pinus pinea*), um caroço de cereja (*Prunus avium*) e grãos de uva (*Vitis vinifera*). Nesta nova fase do estudo foi possível identificar a presença de castanha (*Castanea sativa*) que, pela sua dimensão, sugere tratar-se de um cultivo (Figura 11).

Dentro das plantas silvestres, o conjunto é composto, principalmente, por cariopses de gramíneas silvestres. Apesar deste ser o elemento de maior preponderância, registaram-se ainda outros *taxa* silvestres, tais como Compositae, Caryophyllaceae, *Ornithopus* sp., *Raphanus raphanistrum*, Polygonaceae, *Spergula arvensis*, *Galium* sp. e *Malva* sp.. A maior parte destas espécies deveria encontrar-se associada aos campos de cereais ou hortas, como daninhas. Estas sementes seriam descartadas em etapas mais avançadas do processamento do grão, não fora ter ocorrido um incêndio que as preservou, juntamente com os cereais e leguminosas.

4. A INSCRIÇÃO E O TEMPLO DA SENHORA DO BARROCAL

Na Senhora do Barrocal há ainda um outro achado excepcional. Tal como já referido, há alguns anos foi encontrada uma peça arquitectónica pertencente a um templo religioso e que contém uma inscrição latina. Na sua publicação foi avançada a leitura de “*perfecta*” or “*refeta*” (Estefânio, 2009a, 2009b). No âmbito deste projeto foram feitas novas fotografias e uma nova leitura da peça. Aparentemente o que ali está conservado é:

[F]eBRuARII.(?) E^a T IX ...

Desta forma o que ali está inscrito é uma data, provavelmente a correspondente à fundação ou rededicação da igreja que ali existiria. A mesma terá então sido erguida/reerguida a 2 ou 3 de Fevereiro de 1009 (971 d.C.).

Curiosamente, as festas litúrgicas da Senhora das Candeias e de São Brás, oragos cultuados na ermida atual, são a 2 e 3 de fevereiro respetivamente. A serem coincidentes estas datas então documenta-se a permanência do cultos que unem as duas igrejas: a alto medieval e a moderna. Esta correspondência de datas não pode ser casual, mas hoje é impossível de conhecermos o orago original a que a primitiva igreja, da qual fazia parte o lintel conservado, estaria dedicada. A coincidência das datas deixa antever que um edifício religioso, ou a memória do mesmo, deve ter sempre existido, pelo menos desde 971, ainda

que a documentação escrita só revele a existência de um templo já em época moderna (Estefânio, 2009b: 109)¹⁴. Infelizmente a área em redor da atual ermida encontra-se muito alterada e parcialmente destruídos os níveis originais, o que impossibilita a intervenção arqueológica que atestaria esta hipótese. Outro dado relevante que se deve associar a este edifício primordial, é a presença de uma sepultura escavada na rocha, ainda visível junto ao exterior da lateral Sul da atual ermida.



Figura 13

Inscrição/peça arquitetónica da Senhora do Barrocal (fotografia de Pedro Sobral).

5. ALGUMAS CONCLUSÕES

As escavações arqueológicas realizadas no sítio da Senhora do Barrocal atestaram a presença de um povoado de fundação alto medieval, que terá sido dotado de uma muralha, erguida após a destruição por incêndio do sítio, ocorrido em finais do século X ou inícios do XI. Ao contrário dos restantes sítios do século X escavado na Beira e que foram abandonados após o episódio destruidor para não mais serem ocupados, a Senhora do Barrocal continuou a ser ocupada por um tempo ainda indeterminado. Foi no momento imediatamente posterior ao incêndio que a muralha foi erguida. Nesta fase não se identificaram

¹⁴ Abel Estefânio coloca a hipótese de se localizar na Senhora do Barrocal o mosteiro de Sismiro, seguindo a ideia de Frei Leão de São Tomás (Estefânio, 2009a: 211-213) que dá notícia da destruição de um mosteiro “perto de Sismiro” durante o período da conquista. Todavia, deve ser tida com cautela este tipo de associações feitas quase sete séculos após os acontecimentos.

restos de unidades domésticas, pelo contrário, o contexto parece ser o de uma forja, tendo-se identificado dois fundos de forja contendo restos de pequenas escórias em seu redor. Neste contexto parece ainda existir o aproveitamento de uma mó circular, provavelmente usada na primeira ocupação do sítio, e que foi transformada em base de apoio possivelmente associadas com as forjas. O espólio cerâmico, apesar de semelhante ao conjunto de cerâmicas comuns do primeiro momento, é muito escasso. Os indícios apontam para uma ocupação do tipo “militar”, muito diferente da utilização dada anteriormente.

Os níveis arqueológicos da primeira fase encontram-se muito bem preservados e possibilitaram a conservação de uma invulgar quantidade de macrorrestos vegetais que permitem a caracterização de algumas das práticas agrícolas alto medievais, bem como a gestão dos recursos florestais. Apesar de ser ainda cedo para se poder ter uma imagem completa, uma vez que os estudos ainda estão em curso, os dados já processados evidenciam a importância desta coleção. Para já o estudo carpológico permitiu identificar abundantes cultivos, nomeadamente de cereais (centeio, aveia, milho miúdo, cevada, trigo de grão nú, milho painço) e de leguminosas (ervilha, fava, chícharo, lentilha), bem como alguns frutos (pinhão, cereja, uva e castanha). Estes testemunham a existência de uma agricultura variada e adaptada às condicionantes ambientais da localização desta antiga povoação medieval. Numa mesma estratégia de diversificação alimentar e produtiva enquadra-se o consumo de frutos, cultivados ou silvestres. É nesta fase de economia diversificada, em que se identificaram pelo menos dois contextos domésticos, que se associam não só as cerâmicas islâmicas, como também um resto de boi¹⁵ e uma espora em ferro. A construção da igreja parece estar associada a esta fase, ainda que a data da inscrição (971) aproxima-se muito do limite inferior do intervalo de tempo associado às datações disponíveis (Tabela 1). O desenvolvimento dos estudos sobre o espólio e os macrorrestos vegetais trarão certamente mais dados novos e permitirão explicar melhor a excecionalidade deste sítio arqueológico.

15 Apesar do excecional estado de conservação dos macrorrestos vegetais, são muito raros os fragmentos de osso conservados. Dos poucos ali recolhidos foi apenas reconhecível, um molar de um boi (*Bos taurus* sp.) pertencente a um adulto ainda jovem.

BIBLIOGRAFIA

- AKKEMIK Ü., YAMAN B. (2012) – Wood Anatomy of Eastern Mediterranean Species, Kessel: Publishing House.
- ANDERBERG, A. L. (1994) – *Atlas of seeds and small fruits of Northwest-European plant species with morphological descriptions*, Stockholm: Swedish Museum of Natural History.
- BEIJERINCK, W. (1976) – *Zadenatlas der nederlandsche flora ten behoeve van de botanie, palaeontologie, bodemcultuur en warenkennis*, Amsterdam: Backhuys & Meesters.
- BERGGREN, G. (1981) – *Atlas of seeds and small fruits of Northwest-European plant species with morphological descriptions*. 3. Salicaceae-Cruciferae, Stockholm: Swedish Museum of Natural History.
- BERTSCH, K. (1941) – *Früchte und Samen. Ein Bestimmungsbuch zur Pflanzenkunde der vorgeschichtlichen Zeit*, Stuttgart: Ferdinand Enke.
- BRONK-RAMSEY, C.B. (2009) – Bayesian analysis of radiocarbon dates, *Radiocarbon*, 51: 1, 337-360.
- CASTROVIEJO, S., Coord. (1986-2012) – *Flora iberica* 1-8, 10-15, 17-18, 21, Madrid: Real Jardín Botánico/CSIC. Consultado em 11 de maio de 2017, em <http://www.floraiberica.org/>.
- CONNOR, S. E., ARAÚJO, J., VAN DER KNAAP, W. O., VAN LEEUWEN, J. F. (2012) – A long-term perspective on biomass burning in the Serra da Estrela, Portugal, *Quaternary Science Reviews*, 55, p. 114-124.
- COSTA, J. C., AGUIAR, C., CAPELO, J. H., LOUSÃ, M., NETO, C. (1998) - Biogeografia de Portugal continental, *Quercetea* 0, p. 5-55.
- DAVIES, W. (2010) – When gift is sale: reciprocities and commodities in tenth-century Christian Iberia, in DAVIES, W., FOURACRE, P., (Eds.) – *The Language of Gift in the Early Middle Ages*, Cambridge: Cambridge University Press, p. 217-237.
- DEFORCE, K., HANEKA, K. (2015). Tree-ring analysis of archaeological charcoal as a tool to identify past woodland management: The case from a 14th century site from Oudenaarde (Belgium), *Quaternary International*, 366, 70-80.
- ESTEFÂNIO, A. (2009a) – A inscrição moçárabe do Barrocal, *Beira Alta*, 68-69, p. 203-224.
- ESTEFÂNIO, A. (2009b) – Lintel, imposta?, in Câmara Municipal de Viseu (Ed.) – *Arte, poder e religião nos tempos medievais. A identidade de Portugal em construção*, Viseu: C. M. Viseu, p. 108-109.
- HILLMAN, G., MASON S., DE MOULINS, D., NESBITT, M. (1996) - Identification of archaeological remains of wheat: the 1992 London workshop, *Circaea*, 12 (2), p. 195-210.
- JACOMET, S. (2006) – *Identification of cereal remains from archaeological sites*, Archaeobotany Lab, IPAS, Basel University.
- JACQUAT, C. (1988) – *Hauterive-Champgréveyres, 1. Les plantes de l'âge du Bronze. Catalogue des fruits et grains*, Saint-Blaise: Editions du Ruau.
- MCPARLAND L.C., COLLINSON M.E., SCOTT A.C., CAMPBELL G., VEAL, R. (2010) – Is vitrification in charcoal a result of high temperature burning of wood?, *Journal of Archaeological Science*, 37, p. 2679-2687.
- NESBITT, M. (2006) – *Identification guide for Near Eastern grass seeds*, London: Institute of Archaeology.
- OLIVEIRA, C., JESUS, A., TENTE, C., TERESO, J. (2017) - Estudo arqueobotânico do povoado alto-medieval de São Gens: perspetivas sobre a exploração de recursos lenhosos e agrícolas, in: ARNAUD, J., MARTINS, A. (Eds.) - *Arqueologia em Portugal / 2017* – Estado da Questão, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1481-1494.
- QUEIROZ, P. (2009) – *Estudo Arqueobotânico no Povoado Medieval da Soida, Celorico da Beira*, Terra Scenica - Território Antigo (relatório 12), policopiado.
- QUEIROZ, P. (2009a) – *Estudo antracológico no sítio de São Gens, Celorico da Beira*, Terra Scenica-Território Antigo (Relatório 13), policopiado.
- QUEIROZ, P. (2009b) – *Novos dados arqueobotânicos sobre o Penedo dos Mouros (Gouveia)*, Terra Scenica-Território Antigo (Relatório 11), policopiado.
- QUEIROZ, P., VAN LEEUWAARDEN, W. (2003) – *Estudo Arqueobotânico no Penedo dos Mouros / Gouveia – II*, Trabalhos do CIPA (Vol. n.º 47), Lisboa: Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências.
- QUEIROZ, P., VAN LEEUWAARDEN, W. (2004) – *Estudo Arqueobotânico no povoado medieval da Quinta da Torrinha, Góis*, Trabalhos do CIPA (Vol. n.º 58), Lisboa: Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências.

- REIMER P.J., BARD, E., BAYLISS, A., BECK, J.W., BLACKWELL, P.G., BRONK RAMSEY, C., BUCK, C.E., CHENG, H., EDWARDS, R.L., FRIEDRICH, M., GROOTES, P.M., GUILDERTSON, T.P., HAFLLIDASON, H., HAJDAS, I., HATTÉ, C., HEATON, T.J., HOFFMANN, D.L., HOGG, A.G., HUGHEN, K.A., KAISER, K.F., KROMER, B., MANNING, S.W., NIU, M., REIMER, R.W., RICHARDS, D.A., SCOTT, E.M., SOUTHON, J.R., STAFF, R.A., TURNER, C.S.M., VAN DER PLICHT, J. (2013) – IntCal13 and Marine13 Radiocarbon Age Calibration Curves 0–50,000 Years cal BP, *Radiocarbon*, 55, No 4.
- RENFREW, J. (1973) – *Palaeoethnobotany. The prehistoric food plants of the Near East and Europe*, New York: Columbia University Press.
- SCHWEINGRUBER, F. H. (1990a) – *Anatomy of European woods*, Paul Haupt and Stuttgart Publishers.
- SCHWEINGRUBER, F. H. (1990b) – *Microscopic Wood Anatomy*, Swiss Federal Institute for Forest, Snow and Landscape Research.
- TERESO, J.P. (2012) – Environmental change, agricultural development and social trends in NW Iberia from the Late Prehistory to the Late Antiquity, *Biology Department, Faculty of Sciences*, Porto: Universidade do Porto.
- TERESO, J. P., TENTE, C., BAPTISTA, H. (2016) – O sítio da Senhora do Barrocal (Sátão, Viseu): vestígios das práticas agrícolas e de exploração dos recursos agrários no século X, in *International Conference Old and New Worlds: te global challenges of Rural History*, Lisbon, p.1-14, disponível <https://lisbon2016rh.files.wordpress.com/2015/12/onw-0168.pdf>.
- THÉRY-PARISOT, I., HENRY, A. (2012) – Seasoned or green? Radial cracks analysis as a method for identifying the use of green wood as fuel in archaeological charcoal, *Journal of Archaeological Science*, 39, p. 381-388.
- VAN DER KNAAP, W.O., VAN LEEUWEN, J.F.N. (1995) – Holocene vegetation succession and degradation as responses to climatic change and human activity in the Serra de Estrela, Portugal, *Review of Palaeobotany and Palynology*, 89, p.153-211.
- VERNET, J-L., FIGUEIRAL I., UZQUIANO, P. (2001) – *Guide d'identification des charbons de bois préhistoriques et récents. Sud-Ouest de l'Europe: France, Péninsule ibérique et îles Canaries*, Paris: CNRS Editions.
- VAZ, J. I. (1990) – Novos povoados pré-romanos da região de Viseu, *II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, p.14-18.
- VAZ, J. I. (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Sátão*, Sátão: Câmara Municipal de Sátão.

AGRADECIMENTOS

O apoio logístico aos trabalhos de campo foi prestado pela Comissão de Festas e pela Paróquia de Romãs, bem como pela Câmara Municipal de Sátão. Todos, amável e generosamente nos acolheram e ajudaram a suportar os custos dos trabalhos de campo. Um agradecimento especial é devido ao Sr. Presidente Dr. Alexandre Vaz, e à Sr.ª Vereadora Dr.ª Zélia Silva. Ao Sr. José Tomás que entende tão bem a arqueologia destes povoados e que satisfaz com primor a necessidade de uma boa topografia do povoado, um trabalho fundamental para a compreensão do sítio. Um agradecimento também à Maria João Valente pela identificação do osso pertencente a um boi identificado na escavação e ao Pedro Sobral de Carvalho pela excelente fotografia da peça epigrafada. Por fim a todos os alunos e alunas que participaram nas escavações e no laboratório de tratamento de espólio proveniente da Senhora do Barrocal. Alguns são já autores deste artigo, a outras devo deixar uma referência especial nomeadamente à Sofia Pereira, à Martina Monteiro e à Raquel Lázaro, que tanto se empenharam na primeira campanha. Um bem-haja a todos os que ali passaram duras horas de trabalho e todos os que tiveram curiosidade de nos visitar e perguntar pela sua História.